

Editorial

Sem nenhuma intenção de defender algum tipo de “mito de origem” para a Sociologia do Conhecimento, é difícil pensar em como se desenvolvem os conhecimentos produzidos pela ciência sem lembrar de Thomas Khun. Indo além dos seus antecessores, mais do que pela famosa noção de *paradigma*, que lhe deu a maior notoriedade, a sua contribuição conseguiu oferecer importantes bases para que déssemos a devida visibilidade para o fato de que a ciência se constitui em um processo social de convencimento e que o produto do trabalho científico se dá, menos na relação do pesquisador com a natureza e mais desse com uma comunidade da qual faz parte. Hoje em dia, em avançados processos de debates devedores de “A Estrutura das Revoluções Científicas”, olhar para o mundo acadêmico como um universo social estimula a compreensão acerca de como *funcionam* as comunidades científicas. Criticando as epistemologias *purificadoras* do conhecimento produzido pela ciência, a partir desse ponto de vista, buscamos saber como acontecem as relações entre os indivíduos nesses contextos e como esses contextos se relacionam com outras dimensões da vida social. Entre outras possibilidades, perguntamos: como se dá a escolha por uma determinada comunidade científica? Como acontecem os processos de socialização neste universo? Quais os objetivos dos grupos envolvidos? Como chegamos às perguntas que esses grupos consideram merecedoras de respostas? Como são determinados os instrumentos de pesquisa que são entendidos como confiáveis? Quais as teorias que fazem jus à atenção? Quais as instituições existentes e quais as suas influências?

É neste contexto que vemos o III Encontro do Fórum Permanente de Pós-Graduação em Educação Física, organizado pelo CBCE, realizado no último mês de abril, em Florianópolis. Com a presença de coordenadores de programas de Pós-Graduação em Educação Física, de editores de revistas científicas brasileiras e, ainda, de representantes de outras instituições que influenciam esse meio acadêmico-científico, entre outros debates, tratamos da avaliação dos periódicos brasileiros. Pautados pela ideia de que nenhum periódico específico

da Educação Física Brasileira se encontra nos estratos A1 e A2 do Qualis CAPES, consideramos a necessidade de qualificar e de incrementar a produção em Educação Física, no plano nacional, o que poderia ocorrer pelo investimento/indução de alguns periódicos, a exemplo do que fizeram outras subáreas, no âmbito da própria Área 21. As perguntas que, em certa medida, nortearam o debate foram: Quais as revistas científicas da Educação Física Brasileira que merecem a nossa atenção? Quais delas respondem aos anseios do campo? Em quais delas devemos investir?

Na busca de respostas para essas perguntas, por várias horas, vimos a “ciência em ação”, como diria Bruno Latour. Isto porque todos os presentes debruçaram-se sobre um tema *científico* que, apesar da *aura científica* que o circundava (títulos dos participantes; linguagem utilizada) estava pautado não só por uma racionalidade *científica*, mas também por convicções, crenças, desejos, interesses pessoais, interesses de grupos, interesses institucionais etc... Enfim, um *processo de lutas* dentro de um campo específico.

Era evidente que havia expectativa de muitos dos presentes no sentido de que as decisões tomadas pudessem ter influência nos rumos da Pós-Graduação em Educação Física no Brasil. Isso porque as revistas que viessem a ser consideradas relevantes para a área serviriam de *abrigo* para determinados pesquisadores e para as suas produções. Nessa perspectiva, as revistas científicas não são apenas veiculadoras de conhecimentos, mas também *agentes* que acabam por influenciar toda uma forma de pensar e de *funcionar* uma determinada área de conhecimento, com reflexos na intervenção relacionada a essa mesma área.

No caso particular da comunidade da qual estamos tratando, como já referimos em outro editorial, uma revista científica tem importante influência sobre *o que é (vem sendo) a Educação Física*. Não é difícil pensar dessa forma, se identificarmos que é através da produção em periódicos que os programas de Pós-Graduação e seus professores são avaliados... Que é por essa avaliação que os programas e os professores se mantêm em atividade... Que isso é determinante na formação dos pós-graduados egressos desses programas... Que

esses egressos virão a participar dos concursos futuros nas universidades... Que são eles que virão a renovar os novos programas de Pós-Graduação... Que eles virão a ser os novos formadores... E assim por diante...

Ficamos, então, muito satisfeitos quando, ao final do Encontro, a *Revista Movimento* foi a única que, por unanimidade, foi reconhecida como um dos periódicos a receberem tal indução. Porém, o nosso contentamento não se deu apenas por acreditarmos no trabalho que temos realizado, nem tampouco por entendermos que essa é uma *vitória* merecida. Mais do que isso, a nossa alegria vincula-se à esperança de que a comunidade da Educação Física Brasileira, em especial aquela ligada ao contexto dos programas de Pós-Graduação, reconhece a importância do investimento numa revista especializada, num olhar sociocultural e pedagógico da área, algo profundamente ligado à nossa intervenção, em diferentes espaços sociais.

Neste ano, em que comemoramos quinze anos de atividade ininterrupta, com a convicção de que as decisões do Encontro serão levadas em consideração pelas instâncias decisórias da Área 21, é que damos continuidade à nossa tarefa. Neste número da *Revista Movimento*, estão à disposição dos leitores 12 trabalhos: 8 artigos advindos de pesquisas, 3 ensaios e uma resenha.

Boa leitura.

Os editores